

## Annoying music in everydaylife: estudos de conflitos sônico-musicais na vida cotidiana

*Annoying music in everyday life: studies of sonic-musical conflicts in  
daily routine*

*Annoying music in everyday life: estudios de conflictos sonoro-  
musicales en la vida cotidiana*

Rafael ZINCONE<sup>1</sup>

### Resumo

O livro *Annoying Music in Everydaylife*, de Felipe Trotta, foi editado em 2020 pela Bloomsbury Academic (Nova York) compondo a coleção *Alternate Takes: Critical Responses to Popular Music*. As reflexões resultantes de diversas entrevistas realizadas, em sua maior parte, no Rio de Janeiro e em Edimburgo (Escócia) apontam caminhos teóricos e metodológicos para pesquisas engajadas em semelhantes problemas e questões. Desse modo, tais percursos podem servir de pistas para futuras investigações envolvendo diferentes recortes e realidades sociais.

**Palavras-chave:** Música – aspectos sociais; Ruído – aspectos sociais; Som – aspectos sociais; Incômodos.

### Abstract

The book *Annoying Music in Everydaylife*, by Felipe Trotta, was published in 2020 by Bloomsbury Academic (New York) forming the collection *Alternate Takes: Critical Responses to Popular Music*. The reflections resulting from several interviews carried out, for the most part, in Rio de Janeiro and Edinburgh (Scotland) point out theoretical and methodological paths for research engaged in similar problems and issues. In this way, such paths can serve as clues for future investigations involving different social contexts and realities.

**Keywords:** Music – social aspects; Noise – social aspects; Sound – social aspects; Nuisances.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Economia (UFRJ) e mestre em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF). Pesquisador e colaborador dos grupos de pesquisa Musilab (UFF) e Grecos (UFF). E-mail: rafaelzincone@gmail.com. ORCID: 0009-0006-5850-2574.



---

## Resumen

El libro *Annoying Music in Everydaylife*, de Felipe Trotta, fue publicado en 2020 por Bloomsbury Academic (Nueva York) formando la colección *Alternate Takes: Critical Responses to Popular Music*. Las reflexiones resultantes de varias entrevistas realizadas, en su mayor parte, en Río de Janeiro y Edimburgo (Escocia) señalan caminos teóricos y metodológicos para investigaciones dedicadas a problemas y cuestiones similares. De esta manera, dichos caminos pueden servir como pistas para futuras investigaciones que involucren diferentes contextos y realidades sociales.

**Palabras clave:** Música – aspectos sociales; Ruido – aspectos sociales; Sonido – aspectos sociales; Molestias.

---

## Resenha

O livro *Annoying Music in Everydaylife* (Bloomsbury, 2020) escrito por Felipe Trotta compõe recente movimento dentro dos estudos em comunicação e música popular que adotam como foco o lado negativo das experiências e práticas musicais (Johnson, Cloonan, 2009). Sem negar o papel prazeroso da música no dia a dia das pessoas, Felipe Trotta<sup>2</sup> concentra sua reflexão em torno de experiências musicais que incomodam. Quis com isso dizer que a experiência musical, para além de seu caráter gregário, festivo e alegre, apresenta também uma contraface produtora de conflitos<sup>3</sup>. Nessa obra, o foco do autor está no incômodo que a música causa na experiência diária de cidadãos: nas ruas, em transportes públicos, em conversas com amigos, bares ou até em discussões sobre quem escolhe a música em casa. Fenômenos que no senso comum poderiam ser lidos como *conflitos sem importância*, são tomados no livro como atalhos para se pensar a vida em sociedade. Em outros termos, Trotta buscou interpretar a dificuldade de se (con)viver no cotidiano, de se partilhar sensibilidades e escuta uns dos outros. Desse modo, propôs algumas questões gerais para fins dessa reflexão:

O que de fato *incomoda* na música? O que as pessoas apontam como fatores desagradáveis em experiências musicais? Existem tipos de

---

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. É pesquisador do CNPq e da Faperj. Além deste livro, é autor de *No Ceará não tem disso não* (Folio Digital, 2014) e *O samba e suas fronteiras* (Ed.UFRJ, 2011); e co-organizador (com Martha Ulhôa e Claudia Azevedo) da coletânea *Made in Brazil: Studies in Popular Music* (Routledge, 2015)

<sup>3</sup> Em nível extremo, estudos indicam que a música há muito tempo tem sido usada como dispositivo em câmaras de tortura, guerras, brigas de grupo, tentativas de intimidação, entre outras diversas ações violentas.



música mais frequentemente associadas como incômodas? Como a ideia de *música que incomoda* contribui na compreensão de questões envolvendo vida cotidiana e sociabilidade? (Trotta, 2020, p.2, tradução minha)<sup>4</sup>.

Com a intenção de responder tais questões, o autor desenvolve um esforço de interpretação de múltiplas dimensões do que as pessoas definem como *música que incomoda*. Como bem demonstra ao longo do livro, tais incômodos ativam uma ampla gama de questões e sentimentos sobre viver em sociedade, questões relacionadas com ética, política, individualidade e cidadania. Assim, se a música é uma forma de experiência humana que ajuda pessoas a pensarem e agirem tanto individualmente quanto socialmente, argumenta que “quando é sentida de modo irritante ou incômodo, pode ser fruto de um descompasso entre expectativas e experiências” (Trotta, 2020, p.2).

Ademais, a *música que incomoda* põe em relevo a questão do controle. Citando Domínguez Ruiz (2020, p.100, minha tradução): “a dominação sonora é uma manifestação concreta de poder que não só se revela como agressão, mas também como imposição de desejos”<sup>5</sup>. Com isso, Trotta sublinha o argumento de que estar exposto a uma música que não se escolhe significa ser forçado a vibrar junto com ela, ainda mais se o conjunto de ideias e valores compartilhados e interpretados ferir o senso moral de quem é impelido a escutar ou participar de tal experiência. Quando se trata de espaços compartilhados, por exemplo, nem sempre é possível abandonar o lugar, como em viagens em transportes públicos. Em situações como essas, a música torna-se elemento adicional de desconforto que pode vir a compor mais uma camada de situação de incômodo.

Além disso, quando pessoas são convidadas a falar de músicas que trazem incômodo, a questão do controle aparece intimamente ligada à questão do gosto. Nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, Trotta chamou atenção para uma associação frequente feita por entrevistados/as entre experiências sonoras indesejadas e músicas, artistas e gêneros musicais de que não gostam. No caso, afirma como frequente o fato de pessoas buscarem a origem do desconforto na música como em frases do tipo:

---

<sup>4</sup> What is ‘annoying’ in music? What do people identify in music experiences that may be defined as unpleasant? Are there any kinds of music that are more frequently referred to as annoying? What does the idea of ‘annoying music’ help us to understand about everyday life sociability?

<sup>5</sup> Sound domination is a concrete manifestation of power, that not only reveals itself as aggression but also as an imposition of wishes.



“música pop é insuportável” e “ele tocou funk muito alto a noite toda e não consegui dormir”.

Segundo o autor, o processo dinâmico de escuta resulta na ideia de que a música irritante não é um objeto estático, mas uma relação. Com isso, explica que a sensação de sermos perturbados por uma música não escolhida nos coloca em contato com a presença de outros, um *outro* que se materializa sonoramente na música. Certamente, aquele que tem o controle sobre o som opera relativo poder nas relações acústicas experimentadas no mesmo espaço. Em muitas situações como a maioria das relatadas no livro, a música é imposta sobre outras pessoas sem considerar se estas gostam ou não daquela música. Indivíduos que são submetidos a experiências desse tipo são, com efeito, diminuídos em importância e seus próprios desejos e motivações são, portanto, ignorados.

Assim, Trotta sublinha que, não raro, em diversas reclamações sobre incômodos musicais presentes em sua pesquisa estes são compreendidos como violação do comportamento social e, conseqüentemente, dos direitos individuais. Nesses relatos, pessoas aplicam um vocabulário que evoca o sentimento de serem violadas pelo outro. Conforme o autor, essas situações podem ser simplificadas no uso de duas palavras a respeito dos papéis desempenhados nessa relação: vítima e perpetrador. No caso, quem controla o equipamento musical ou o instrumento é quem tem o poder e, portanto, aquele que perpetra a violência. Ademais, as interpretações seletivas (pelos entrevistados) de músicas irritantes são reveladoras do quão difícil é ouvir o outro. Conforme Trotta, embora as pessoas lamentem sobre a falta de solidariedade do outro que está tocando música alta, geralmente tampouco se solidarizam com o incômodo alheio quando a situação se inverte.

Conflitos gerados por incômodos sonoros podem provocar situação extremas. Cito como exemplo, um relato de autoria da deputada estadual Renata Souza (PSOL-RJ) presente em seu livro *Cria da Favela* (2020)<sup>6</sup>. Nessa passagem, narra um conflito entre vizinhos na favela da Maré (Rio de Janeiro) originada por som alto. Resumidamente, o conflito se deu na “rua das Minas” (nome fictício), um dos *points* da favela, comum por ter festas que tomavam conta das calçadas e do meio da rua. Para além da música em bares existentes na rua, Renata destaca as festas presentes na casa

---

<sup>6</sup> *Cria da Favela* (2020) é uma adaptação em livro da tese de doutorado de Renata Souza apresentada na Escola de Comunicação da UFRJ. O título original do trabalho é *O Comum e a Rua: resistência da juventude frente à militarização da vida na Maré* (2017).



de uma família que apelidou no relato de “família da Delegada”. Como descreve: “a ocupação da rua das Minas era completa com as festas da Delegada e o som alto reinava absoluto nas noites de sábado e domingo” (Souza, 2020, p.68). Conforme seu relato, essa ocupação sonora sempre dividiu a opinião de moradores da rua entre os incomodados e aqueles que gostavam das festas. A situação começaria a se agravar com a chegada de uma nova família na rua que tinha como chefe um varejista de drogas. A família apelidada por “Donos da Rua” não suportava o som alto das festas da delegada e todas as solicitações para abaixar o som vinham em tom de ameaça, sem sinal de intimidação por parte da “Delegada”. No entanto, a ordem do “Dono da Rua” para a diminuição do som era ditada de forma cada vez mais violenta:

Cabe ressaltar que a tirania do Dono da Rua era direcionada a famílias que não tinham parentes na hierarquia superior do varejo de drogas. Isso era visível, uma vez que as festas faraônicas promovidas por seus companheiros na rua das Minas, com estrutura e equipamentos de som semelhantes aos bailes funks, não sofriam qualquer sanção da sua parte. Em contraposição, à meia noite de um Natal, o Dono da Rua dirigiu-se à casa da Cria<sup>7</sup>, desferiu tiros de metralhadora para o alto e ameaçou toda a família. Em um Réveillon, mandou que os aparelhos de som de algumas casas da vizinhança fossem desligados enquanto toda a favela festejava nas ruas. As queixas dos moradores às atitudes do Dono da Rua se acumularam nas estâncias mais altas do varejo e do tráfico. Uma das operações policiais realizadas na Maré resultou no assassinato do Dono da Rua. A morte não teve qualquer repercussão midiática. A Rua das Minas retomou a rotina de festas e som alto, mas as cenas de extrema violência presenciadas pela vizinhança ainda causam calafrios e indignação, embora o medo impeça que o terror vivido seja verbalizado publicamente (Souza, 2020, p.70)

Metodologicamente, o livro é inspirado pela reflexão de Tia DeNora em *Music in Everyday Life* (2000), de onde o autor toma emprestado não somente o título, mas também o percurso de análise. Assim como no livro de De Nora, em que a autora conduziu diversas entrevistas com o objetivo de interpretar como as pessoas usam a música em diferentes situações, Trotta partiu da análise de 73 entrevistas conduzidas entre os anos de 2017 e 2018, tanto no Brasil quanto na Escócia. Conforme o autor, os/as entrevistados/as foram selecionados/as aleatoriamente, primeiro através de vínculos de amizade e depois por meio de recomendações. A principal preocupação do autor na constituição do *corpus* foi alcançar um equilíbrio entre idade, gênero e origem

<sup>7</sup> “Cria da Rua” (nome fictício), nasceu e foi criada na rua das Minas. Com a mãe acamada, em momento anterior do conflito, organizou um abaixo-assinado contra as festas prolongadas no meio da rua, que impediam acesso de carros ao local em momento de emergência, além do volume alto do som. O abaixo-assinado obteve pouco sucesso e adesão.



social (considerando nível educacional, profissão e local de residência). Alerta, no entanto, não tratar-se de um *corpus* representativo mas sim de pesquisa exploratória qualitativa em que buscou acessar argumentos e ideia sobre *música que incomoda*.

Na pesquisa, entrevistados/as foram incentivados/as a falar sobre suas relações com música, gêneros e artistas preferidos, bem como sobre músicas e cantores de que não gostam. Foi-lhes pedido que relatassem situações em que a música os incomodasse e tentassem explicar o porquê<sup>8</sup>. Como as entrevistas foram feitas em lugares radicalmente diferentes (Rio de Janeiro e Edimburgo), algumas particularidades foram notadas nas respostas:

Entrevistados/as de Edimburgo tenderam a atribuir recorrentemente o incômodo musical a espaços públicos como lojas, supermercados e pubs, enquanto poucos mencionaram conflitos com vizinhos. Do outro lado do Atlântico, moradores do Rio relataram uma gama maior de situações barulhentas envolvendo seus bairros, mas também som das ruas, de bares e transporte públicos (Trotta, 2020, p.7)<sup>9</sup>.

Além das cidades do Rio de Janeiro e de Edimburgo, parte dos entrevistados presentes no *corpus* da pesquisa estavam em cidades do interior do Brasil e outras cidades ao redor do mundo como Taiwan, Pequim, Laos, Barcelona, Cuzco e Buenos Aires. A idade dos/as entrevistados/as varia de 15 anos a 73 e a maioria deles pertence a estratos sociais de classe média com grau de instrução formal. Conforme o autor, isso se deveu a critérios de seleção de entrevistados/as e a algumas facilidades de abordagem proporcionadas pela proximidade do próprio entrevistador a entrevistados/as. Contudo, Trotta pontua que alguns/mas entrevistados/as escapam a essa definição e forneceram diferentes histórias e narrativas<sup>10</sup>.

No campo da teoria, o estudo foi desenvolvido sob uma abordagem que mistura musicologia com estudos culturais, etnomusicologia, sociologia e estudos de som. Assim, Trotta buscou desenvolver uma estrutura conceitual multidisciplinar que pudesse fornecer uma ampla gama de tópicos e discussões. Em suas considerações

---

<sup>8</sup> Algumas entrevistas foram feitas pelo próprio autor e outras foram feitas por seus assistentes de pesquisa: Nicolas Sassi (Rio de Janeiro), Luciana Pinheiro (Rio de Janeiro) e Alec Cooper (Edimburgo).

<sup>9</sup> Edinburgh interviewees tended to ascribe annoying music to public spaces such as stores, supermarkets and pubs, while few have mentioned conflicts with neighbours. On the other side of the Atlantic, Rio residents reported a wider range of noisy situations involving their neighbourhoods but also the sounds from the streets, bars and public transportation.

<sup>10</sup> Alerta que embora esses segmentos sejam minoritários no corpus, suas respostas foram devidamente abordadas no livro por se tratar de pesquisa qualitativa. Assim o autor acredita que essas limitações não invalidam as conclusões, mas sim reforçam o sentimento de que a música pode ser um artefato social bastante perturbador.





---

finais, pontuou que conflitos envolvendo som e música são geralmente um problema/questão que envolve tolerância. Para Trotta, a tolerância é algo flexível o suficiente para abranger uma grande variedade de comportamentos e práticas na vida do dia a dia. Diz assim ser impossível determinar até que ponto alguém pode suportar um som musical tocado por outras pessoas visto que as relações sociais mediadas pela convivência estão frequentemente expostas a situações de divergência. Alega, no entanto, ser incerto como as pessoas reagirão a esse tipo de experiência. No caso, o quão tolerante alguém seria com uma pessoa que a incomoda com seu som dependeria de muitas condições e contextos que baseiam essa relação.

Assim, as reflexões, conceitos e o percurso metodológico presentes em *Annoying music in everydaylife* fornecem pistas valiosas para demais estudos no campo de som e música que visem observar a dimensão do conflito. Se o recorte da pesquisa foi delimitado entre as cidades de Rio de Janeiro e Edimburgo e a uma amostra populacional contendo, na maioria, uma população de classe média, seu instrumento metodológico certamente fornece percurso para diferentes escolhas e, até mesmo questões. O caso ocorrido na favela da Maré é bastante ilustrativo de uma diferente ordem de complexidade envolvendo conflitos sonoros. Nesse âmbito, a pesquisa realizada pelo autor pode servir de inspiração para diferentes enquadramentos geográficos, etários e de classe social.

---

## Referências

DENORA, Tia. **Music in Everyday Life**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

JOHNSON, Bruce; CLOONAN, Martin. **The Dark Side of the Tune**. Surrey: Ashgate, 2009.

RUIZ DOMINGUÉZ; LIDIA, Ana. El oído: um sentido, múltiples escuchas. Presentación del dossier Modos de Escucha, **El Oído Pensante**, 7 (2): 92-110.

SOUZA, Renata. **O Comum e a Rua**: resistência da juventude frente à militarização da vida na Maré. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2017.

SOUZA, Renata. **Cria da favela**: resistência à militarização da vida. São Paulo: Boitempo, 2020.



---

TROTTA, Felipe. **Annoying Music in Everydaylife**. New York: Bloomsbury Academic, 2020.

★

Esta é uma RESENHA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.